As desigualdades do amor¹

CLÁUDIA ÁLVARES *

DANIEL CARDOSO **

Uma breve visão panorâmica

Não surpreenderá ninguém se se disser, seguindo apenas o senso comum, que as revistas femininas e masculinas estão pensadas para um público que se pretende muito homogéneo, heterossexual, pretensamente monógamo e caucasiano. Portanto, também não será grande surpresa o facto de as relações heterossexuais monógamas serem as mais dominantes na agenda destas publicações.

Mas dizer só isso é por demais simplista. Seria presumir que saber qual a orientação, modelo e etnia retratados é quanto basta para uma leitura crítica destas revistas. E se não deixa de ser verdade que este artigo pretende demonstrar o quão dominantes esses modelos são, é também verdade que isso não anula uma série de outras perguntas relacionadas com o *como*. Além disso, é também necessário questionar os silêncios discursivos (o que não é dito, os tópicos que não são mencionados) nas revistas masculinas e femininas, para que se possa caracterizar o que não é dito sobre a própria monogamia heterossexual.

Porém, não se trata apenas de falar de amor. Na nossa tentativa de ver se são as temáticas do feminismo liberal ou do pós-feminismo que dominam estas publicações, teremos também de olhar para o sexo. Não o sexo como função, não o sexo como um fim em si mesmo, mas o sexo como componente do que se considera uma relação estável. Esse será, pelo menos, o nosso ponto de partida.

* Professora associada da Escola de Comunicação, Artes e Tecnologias da Informação da Universidade Lusófona.

** Assistente na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Relacionamentos como parte da representação discursiva das mulheres

Porque escolhemos o tema dos relacionamentos como objecto de uma análise aprofundada? De acordo com os dados recolhidos no projecto, as relações interpessoais – como as relações românticas ou de amizade – são um assunto frequentemente abordado nos artigos. As revistas interpelam, assim, as leitoras, ao responder às suas preocupações, procurando, obviamente, aumentar o seu *share* no mercado.

No contexto de todas as revistas femininas analisadas, os relacionamentos representam cerca de 42% de todo o texto coligido, constituindo uma das subcategorias mais relevantes usadas na análise.

Mas, como sugere o próprio título deste artigo, até dentro das próprias revistas femininas existem desigualdades – temáticas, acima de tudo. E ao analisarmos o *corpus*, em busca de como as mulheres são representadas, iremos acabar por ver bastante mais do que apenas a representação das mulheres, nomeadamente o modo como essa mesma representação se liga a factores externos. Entre esses factores estão – como a preponderância das relações heterossexuais deixa desde logo adivinhar – os homens.

Metodologia

No projecto principal, utilizámos as chamadas de capa para decidir que artigos iriam ser alvo de uma análise de conteúdo, com base no programa de tratamento de dados NVivo8. Depois de identificados os artigos, coligimos amostras específicas: o título, a entrada, o *lead*, o primeiro e o último parágrafo (bem como a primeira e a última pergunta das entrevistas) e quaisquer destaques textuais existentes.

Numa segunda fase, procedeu-se à categorização temática dos artigos em torno de determinados tópicos. Assim, para este ensaio, dos artigos antes seleccionados, foram escolhidos aqueles que tinham que ver com relacionamentos, excluindo-se aqueles que referissem (isto sempre no que toca às chamadas de capa) apenas assuntos de sexo.

Os artigos foram então transcritos para o programa e lá classificados de acordo com a grelha de análise usada no projecto, a qual se dividia em duas categorias principais: feminismo liberal e pós-feminismo. O nosso enquadramento teórico pressupõe que o feminismo liberal emergiu como uma aplicação concreta da filosofia política liberal às desigualdades sentidas pelas mulheres no campo político e

económico, dando ênfase aos ideais de emancipação e autonomia individual como factores que auxiliam na promoção dos direitos socioeconómicos das mulheres. Ao privilegiar um discurso sobre «as regras e os deveres» (Gilligan, 1997: 147), o feminismo liberal regula a interacção através de critérios de justiça aplicados à esfera pública. Por outro lado, o pós-feminismo apropria-se dos estereótipos da sexualidade feminina e procede à sua subversão, de forma a servir como elemento de *empowerment* para as mulheres. Frequentemente representados como ultrapassados, os valores do feminismo liberal converteram-se «numa espécie de senso comum gramsciano», sendo invocados apenas para serem postos em causa (McRobbie, 2004: 256, 259). Uma das críticas muitas vezes dirigida a esta corrente é a de que parece não conseguir analisar as tensões entre as esferas pública e privada, presumindo que a demonstração pública da experiência pessoal é quanto basta para transformar essa mesma experiência num acto político. Tal implica que a articulação entre desejo e experiência sexual seja abstraída de todo um contexto, deixando de surtir impacto político, dada a recusa em problematizar as implicações gerais inerentes àquela articulação.

Para complementar a análise, algumas categorias livres, não hierarquizadas, foram também criadas – especialmente para permitir a contagem de elementos relacionados com assuntos mais masculinos ou que não se encaixam em qualquer uma destas concepções de feminismo.

De modo a que se pudessem identificar cruzamentos de temáticas relevantes, a codificação foi feita ao nível do parágrafo e não da frase. Isto permite também analisar mais facilmente a forma como as ideias se articulam e cruzam nas revistas.

Porém, esta análise por categorias dá-nos apenas uma parte da imagem total sobre como as relações são pensadas e construídas discursivamente. Seguindo a Análise Crítica do Discurso (ACD) de Teun van Dijk, procurámos entender não apenas as grandes categorias temáticas, mas também a forma como estas se entrecruzam em fluxos de conhecimento e de poder, que têm como base uma ideologia. Ao focar as relações entre discurso e poder, a ACD procura apontar as estratégias semânticas através das quais os media «influenciam os indivíduos», nomeadamente «as suas opiniões» (van Dijk, 2001: 355).

Vertida no texto, a ideologia é, a um tempo, causa e efeito, configurando-se como «causa» por ser o veículo para a divulgação de formas de pensamento, de manifestações de uma determinada visão do mundo, bem como da sua grelha de interpretação. Mas é também «consequência», já que aqueles que escrevem os artigos, bem como a máquina redactorial por detrás da sua concepção, não são os produtores únicos de ideologia(s), nem controlam de forma absoluta o processo. As ideologias tornam-se aparentes através deste tipo de produções culturais, e

catalogar a racionalidade discursiva aqui encontrada é, de certa forma, identificar as noções que prevalecem sobre este tema. Seria certamente um exagero dizer que uma coisa e a outra são, no fundo, iguais. Ao invés, dir-se-á que a análise destas revistas fornece pistas sobre que ideias estão a moldar parcialmente os sempre instáveis comportamentos sociais.

Categorias e números

A amostra

Em primeiro lugar, quisemos dar uma ideia geral de como, usando a grelha de categorias do projecto, conseguimos obter resultados significativos. Mas, antes de discutir os números, olhemos para o tamanho da amostra envolvida.

Neste estudo, foram usadas seis revistas – três masculinas e três femininas. Com a metodologia de recolha descrita acima, reunimos 15 artigos, distribuídos da seguinte maneira: 2 da revista *Activa* (Março e Setembro de 2008); 9 da revista *Cosmopolitan* (Março, Junho, Setembro e Dezembro de 2008 e Março de 2009); 4 da revista *Máxima* (Junho e Setembro de 2008, Março de 2009). Conclui-se desde já que nenhum artigo veio de uma revista masculina, algo que será analisado mais adiante.

Um outro facto bastante óbvio é que, mesmo entre as revistas femininas, a *Cosmopolitan* lidera claramente a amostragem. Dado que o número de palavras codificadas será, posteriormente, um bom indicador das codificações feitas, apresentamo-lo aqui, para esta amostra: 3437 palavras para a revista *Activa*, 13 064 para a *Cosmopolitan* e 6422 para a *Máxima*, cifrando-se num total de 22 923 palavras.

Os primeiros resultados

Olhando para os resultados gerais – e tendo em conta que as percentagens abaixo representam a cobertura feita, em cada categoria, pelo número de palavras nela codificado – e ainda sem olhar para as categorias não-hierarquizadas – parece não haver grande diferenciação entre a atenção dada a tópicos do Feminismo Liberal (79%) e do Pós-Feminismo (77%)². Apesar de o Feminismo Liberal liderar a tabela, graças aos assuntos associados aos relacionamentos e à família, há também um enfoque, que com isso se articula, nas mudanças de mentalidade, e que explica a presença forte dos tópicos pós-feministas.

No entanto, isto não quer dizer que as revistas têm uma posição pós-feminista nos seus artigos, ou que estes são escritos em observância aos princípios pós-feministas. O que quer dizer é que estas revistas se preocupam, por exemplo, em querer influenciar e alterar a mentalidade das suas leitoras.

		<i>Activa</i>	<i>Cosmopolitan</i>	<i>Máxima</i>	Total
1	Feminismo Liberal	97,93	72,66	83,12	79,38
1.1	Esfera Privada	92,96	63,19	58,47	66,33
1.1.1	Corpo Biológico	6,46	1,62	17,63	6,83
1.1.2	Relacionamentos	92,96	63,19	50,34	64,05
1.2	Esfera Pública	85,02	25,61	67,58	46,28
1.2.1	Autonomia	24,27	6,63	20,20	13,07
1.2.2	Não-Autonomia	0,20	0	1,56	0,47
1.2.3	Conciliação Público e Privado	6,40	1,67	15,34	6,21
1.2.4	Crítica à Objectivação do Corpo Feminino	0	0	0	0
1.2.5	Intervenção no Espaço Público	2,53	0	0	0,38
1.2.6	Paridade	0	6,26	23,11	10,04
1.2.7	Não-Paridade	1,69	0	6,10	1,96
1.2.8	Visibilidade	83,39	18,02	56,37	38,56
2	Pós-Feminismo	57,90	81,32	80,02	77,44
2.1	Esfera Pública ou Privada	57,90	81,32	80,02	77,44
2.1.1	Corpo Artificial (Trabalhado)	0	22,35	12,74	16,31
2.1.2	Mente e Mentalidade – Transformação	28,51	66,88	66,19	60,93
2.1.3	Sexo	34,24	37,16	26,78	33,82

Tabela 1 – Categorias agregadas por revista; percentagem sobre o total do texto

Dentro da categoria do Feminismo Liberal, as questões em torno da Esfera Pública parecem, a princípio, extremamente relevantes (46%); porém, um olhar mais atento revela que o que aqui mais importa é a questão da Visibilidade (39%), na sua dupla faceta de existência ou inexistência. De facto, ao olhar para a codificação mais detalhada, pode ver-se que 27% dos conteúdos dos artigos se relacionam com mulheres anónimas e não com celebridades, isto é, as mulheres que aparecem como símbolo de uma qualquer mulher.

O tema do aspecto e aparência tem aqui pouca expressão, mesmo sendo um dos tópicos dominantes nas revistas femininas; o mesmo se aplica ao Corpo Biológico. E tendo em conta que quaisquer temas que se apresentem nesta análise são já, pela sua natureza, cruzamentos com a ideia de relacionamento, vemos que a

categoria Sexo é uma das que mais se cruza com relacionamento, representando aqui 34% da extensão dos artigos.

Podem também detectar-se algumas variações inter-revistas, mesmo levando em consideração que o tamanho das amostras retiradas de cada revista não é igual, e que trabalhamos aqui com uma amostra relativamente pequena.

Na *Activa* encontramos os assuntos pós-feministas com a menor expressão (58% da extensão dos artigos recai nesta categoria), sendo simultaneamente a revista em que o ponto explícito das relações é mais focado (93%). Esta revista também se baseia muito nos exemplos dados por mulheres anónimas (65%), embora não se esqueça de mencionar as famosas (27%) – muito mais do que a *Cosmopolitan* ou a *Máxima*, cuja cobertura de celebridades atinge os 8% e 17%, respectivamente. As mudanças na mente e na mentalidade, que abrangem os modelos de comportamento a ser seguidos e os aspectos de auto-ajuda e pedagogia das revistas, encontram-se muito menos representados na *Activa*, embora sejam ainda relevantes (29%). Não existem, curiosamente, referências à beleza (artificial) e a mudanças corporais.

Os resultados da revista *Cosmopolitan*, a que tem o maior número de artigos recolhidos para a amostra, apresentam uma configuração diferente. Esta é a única revista em que os tópicos pós-feministas se encontram à frente – 81% contra 73% do Feminismo Liberal. As mudanças de mente e de mentalidade e o tema do Sexo são bastante relevantes (22% e 67%), mais do que nas outras revistas analisadas. Aqui, poucas mulheres são ouvidas. A categoria da Visibilidade que, no seu geral, pode ser tomada como medida da expressão da voz das mulheres, abrange apenas 18% do texto. Por outro lado, as aparências contam para a *Cosmopolitan*, sendo que 22% do texto foi codificado sob Corpo Artificial, indicando a aparição de um corpo adornado, artificialmente alterado ou especialmente vestido.

A última revista, a *Máxima*, tem como particularidade o facto de ter relativamente poucos conteúdos codificados sob Relacionamentos (50%), o que pode parecer estranho, tendo em conta a metodologia de recolha. A componente de auto-ajuda, os *role models* e as questões de mudança de mentalidade são mais relevantes do que os relacionamentos em si – 66%. Apesar de o Sexo também ser mencionado com alguma frequência, esta é menor aqui do que nas outras revistas (27%). Por outro lado, as dificuldades que existem na reconciliação entre espaço público e privado têm aqui mais relevância – 15%. A afirmação de Paridade entre géneros, ou a menção aos aspectos profissional, económico e político, que enfatizam esta paridade, é bastante comum, quando comparada com o que se passa nas outras revistas (23%, comparada com os 10% do total dos artigos). E a *Máxima* parece dar bastante espaço à voz das mulheres anónimas: dos 56% de texto codificados em Visibilidade, 42% pertencem à categoria Anonimato.

Para uma análise mais profunda

Até agora, temo-nos concentrado apenas nas categorias em torno da agenda feminista. Mas olhem agora para os tópicos que, na sua maioria, se relacionam com os aspectos mais ligados à masculinidade.

		<i>Activa</i>	<i>Cosmopolitan</i>	<i>Máxima</i>	Total
1	Autoajuda masculina	0	0	0	0
2	Carreira Masculina	0	0	0	0
3	Celebridade Masculina	0	6,39	0	3,64
4	Competição	0	6,91	9,17	6,51
5	Consumo Masculino	0	0,95	0	0,54
6	Contra a Tradição	5,24	4,59	14,14	7,36
7	Corpo Masculino	0	7,18	5,42	5,61
8	Desporto	0	3,62	2,51	2,77
9	Estados Emocionais	19,38	15,43	19,62	17,2
10	Estilo-Beleza Masculinos	0	6,26	0	3,57
11	Irracionalidade	16,44	1,54	6,6	5,19
12	Lazer	0	15,79	14,26	13
13	Masculinidade	9,43	45,95	36,42	37,8
14	Metáforas da Natureza para Aludir ao Sexo Feminino	0	2,29	4,95	2,69
15	Nacionalismo	0	0	3,39	0,95
16	Necessidade de Estabilidade	11,96	12,24	30,29	17,25
17	Outras Culturas	10,56	0	17,78	6,57
18	Pedagogia	0	0,95	0	0,54
19	Política	0	0	0,67	0,19
20	Racionalidade	31,1	8,1	31,16	18,01
21	Racismo	0	0	0	0
22	Relacionamentos Masculinos	3,4	25,96	12,74	18,88
23	Saúde	0	0	0	0
24	Sexo	0	24,45	3,52	14,92
25	Tempo	2,09	5,76	12,15	7
26	Tradição	25,52	9,98	8,74	11,96
27	Transformação Comportamento Masculino	1,25	7,23	1,34	4,69
28	Violência	5,53	0,8	4,28	2,49

Tabela 2 – Categorias não-agregadas, por revista; percentagem sobre o total do texto

O que parece mais relevante, fazendo uma leitura escorreita da tabela, é o quão pouco do que é escrito se enquadra a si mesmo como sendo contra a tradição (7% no geral, ao passo que a Tradição obteve 11%). E se é verdade que estamos aqui a falar de relacionamentos e amor, então parece estranho que os Estados Emocionais praticamente não tenham expressão (17%), ou que a tenham a um nível inferior à Racionalidade (18%), que tem que ver não só com o ser racional, mas também com o discurso académico ou científico de justificação ou explicação dos assuntos.

Um outro ponto que se deve aqui salientar é a importância da masculinidade. Apesar de estes artigos virem apenas de revistas femininas, a Masculinidade chega aos 38% na codificação dos artigos – e relaciona-se com o que é ser um homem, o que caracteriza um homem, como os homens agem, etc. 19% do texto também se debruça sobre os relacionamentos masculinos e 15% lida com o sexo tal como visto do ponto de vista do homem, ou referindo-se às suas experiências sexuais e opiniões sobre o tema (neste aspecto, a *Cosmopolitan* tem uma especial relevância, já que 25% da extensão dos seus artigos está codificada sob Sexo segundo a perspectiva masculina). Interessante é também notar que a Transformação do Comportamento Masculino não chega sequer aos 5%.

Mas a distribuição destes pormenores não é equitativa nas revistas. A Masculinidade, por exemplo, está especialmente presente na *Cosmopolitan* (46%) e bastante menos na *Máxima* (36%) – em compensação, encontra-se praticamente ausente da *Activa*. Por outro lado, a *Activa* tem uma componente de Tradição bastante forte (26%), aspecto em que nenhuma das outras revistas atinge os 10%.

A Necessidade de Estabilidade também se destaca: 17% na codificação geral, com especial relevância para a *Máxima* (na qual 30% do texto está classificado sob essa categoria). Pressupõe-se que a estabilidade se relacione com o aspecto do Lazer, que atinge os 13%.

Ler os resultados

É mais simples agora inferir que diferentes revistas têm diferentes posições sobre o assunto, dando relevância e espaço nas suas páginas a detalhes diferentes. Pode também dizer-se que há diferenças entre aquilo que se refere na capa, o primeiro ponto de contacto entre o leitor e a revista, e o que depois é reflectido pelos artigos.

Esta última afirmação parece especialmente pertinente no caso da *Máxima*. Muito mais interessada numa posição fundamentada na racionalidade, em apresen-

tar-se como conhecedora da masculinidade e em fornecer modelos de comportamento, esta revista usa as relações como isco para outros temas, que não cumprem, no geral, essa promessa. De facto, muito mais do que as relações interpessoais, a revista foca a posição igualitária da mulher em termos de, por exemplo, carreira e finanças, isto é, através do fornecimento de modelos de emancipação feminina. Ainda assim, há sempre a necessidade de uma figura masculina por perto, bem como a necessidade de a interpretar.

Na *Cosmopolitan*, a dinâmica não é muito diferente, se olharmos para os dados estatísticos. Esta revista dá ênfase à vertente masculina das relações, transformando-a numa parte importante do conhecimento feminino (isto tendo em conta que os factores de auto-ajuda e de pedagogia são de extrema relevância para a *Cosmopolitan*). O sexo torna-se também uma parte essencial do que é preciso focar quando se fala em relações amorosas. E não é aqui apenas a experiência feminina do sexo, mas antes o sexo enquanto experiência feminina que é parte integrante *da experiência masculina*. Da mesma forma, conhecer o *outro lado* – as relações vistas do lado masculino – são um outro elemento que a *Cosmopolitan* considera fundamental.

A posição da *Activa* exige uma análise mais fina. Em primeiro lugar, existem apenas dois artigos no *corpus*. Além disso, como pode ver-se na Tabela 2, a irracionalidade e a violência têm alguma presença – apesar de reduzida, essa presença faz com que difira das outras duas revistas. E a categoria da Tradição encontra-se aqui particularmente enfatizada. Como explicar isto? A subcodificação, que não é aqui apresentada por questões de espaço, mostra que, sob a categoria Relacionamentos, o mais preponderante é o relacionamento heterossexual não-conjugal, com uma frequência de 80%. Torna-se então mais fácil compreender o porquê da relevância da tradição.

Uma análise mais qualitativa permite-nos então perceber que a *Activa* se preocupa fundamentalmente com a traição ao compromisso monógamo, recorrendo a artigos que se colocam como confessionários para mulheres que traem ou que foram traídas, tentando apurar responsabilidades e culpas, tentando fazer com que o discurso científico forneça uma explicação naturalista e essencialista sobre a questão. Mostra também a mulher como sendo forçada a ser dona-de-casa, mãe, esposa e trabalhadora bem-sucedida, sem que qualquer um destes papéis seja evitável; a mulher é também apresentada como tendo aos seus ombros a maior parte do trabalho inerente à preservação da relação – novamente, o facto parece ser incontestável.

As relações nas revistas femininas em traços largos

Semelhante análise seria excessivamente complicada de efectuar em todos os 15 artigos em simultâneo, e tornar-se-ia bastante repetitiva depois dos primeiros. Por isso parece-nos mais pertinente indicar as principais tendências presentes, de forma mais ou menos óbvia, em quase todos os artigos. Iremos concentrar-nos em três grandes aspectos: a *necessidade de masculinidade*, a *necessidade de relacionamento* e a *necessidade de silêncio*.

De certa forma, estas três necessidades estão configuradas de forma diferente da necessidade de tempo ou da necessidade de estabilidade que integram as codificações dos artigos. As três necessidades não são as que os artigos mencionam, mas sim as que acabam por constituir o enquadramento conceptual dos artigos, fornecendo os fundamentos para a sua interpretação.

A necessidade de masculinidade

Aquilo com que nos deparamos aqui é a necessidade que os artigos julgam que as suas leitoras têm em relação ao conhecimento da verdadeira essência do que é ser um homem, pensar como um homem, agir como um homem. Porque, fundamentalmente, se as mulheres estão a ser ajudadas em assuntos que se referem a relações, então, antes de mais, essa ajuda surge na forma de uma espécie de tradução, um desvelar que mostra à leitora o que está do outro lado – não a outra pessoa, mas o outro sexo-género. Nestas páginas, a ligação sexo-género é tão omnipresente que parece existir uma fusão dos dois elementos. Há um conjunto de opiniões, pensamentos e comportamentos que, aparentemente, são específicos dessa configuração corporal. E estas revistas têm a capacidade de dizer a verdade, de evitar os enganos e de mostrar os homens como eles realmente são. Ou pelo menos é isso que nos tentam fazer acreditar, quando lemos títulos como «8 verdades sobre o amor» (*Cosmopolitan*). A *Cosmopolitan* está especialmente preocupada em mostrar como é que os homens são e como é que pensam, conforme se comprova no título referido.

Tais artigos pressupõem que, geralmente, as mulheres ignoram o modo como os homens pensam e agem; supera-se, pois, uma lacuna, ao recorrer a um número indeterminado de homens desconhecidos que fornecem *insights* valiosos. O ponto de partida parece ser o de que «os homens são criaturas “descomplicadas”; [...] a excepção é no que toca aos detalhes, no capítulo da relação» (*Cosmopolitan, Dez. de 2008*).

A masculinidade representada nas revistas femininas tem dois aspectos: por um lado, é essencialista e imutável (os homens nunca serão capazes de tomar

a iniciativa de começar uma conversa acerca de sentimentos ou de relações; os homens terão sempre um comportamento que está ligado principalmente ao sexo pelo sexo); por outro lado, uma imagem tão nítida facilita o estabelecimento de comparações com os homens que se conhecem na vida real, levando a que as revistas procurem insistentemente ensinar as suas leitoras a agir em conformidade com a imagem de masculinidade que se pretende veicular. As revistas consideram importante que as leitoras saibam como manter essa imagem estereotipada de masculinidade, precisamente por intuírem que a masculinidade é de difícil definição, correndo o risco constante de ser deturpada por elementos demasiado femininos.

Independentemente do seu grau de autonomia e de estabilidade profissional, a mulher tem de deixar que o homem tome conta dela em certa medida, como prova do quanto o ama.

Curiosamente, a imagem estereotipada do masculino é simultaneamente anunciada como ameaçadora da «paciência», ameaçadora da estabilidade da relação, por ser demasiado «diferente» para poder ser totalmente compreendida. Mas as coisas são como são, e cabe à mulher adaptar e ajustar o seu comportamento ao do homem: a essência feminina toma forma ao moldar-se à essência masculina, não sendo permitido aos homens nem às mulheres retratadas adoptarem identidades de género que extravasem os compartimentos estritamente delimitados por normas consensuais relativas àquilo que significa «ser homem» e «ser mulher». Como os homens parecem ter pouco interesse em ter «relações sérias», ou em serem capazes de se comprometer com elas, o trabalho das mulheres torna-se ainda mais difícil, uma vez que eles parecem necessitar de ajuda e de muitas boas razões para se afastarem de uma vida de viagens, divertimento e independência – exemplos dados por homens e mulheres daquilo que pode ser posto em perigo por uma relação.

E se este essencialismo nunca é questionado mas é muitas vezes alvo de queixas, é-o sempre referindo o que as mulheres fazem que eles não fazem, salientando as diferenças entre ambos. Tal argumento é remanescente da provocação que Virginie Despentes (2009) lançou aos homens em *King Kong Theory* – se os homens parecem estar constantemente à procura de uma mulher sempre disposta e ansiosa por sexo, não estarão eles a procurar alguém cujo comportamento espelha o masculino? O mesmo pressuposto pode ser aplicado aqui, mas de forma invertida. Nestes artigos, estarão estas mulheres a tentar encontrar o seu próprio género em corpos masculinos? Afinal, no artigo «Onde estão os homens?», é fornecida uma lista dos locais onde se podem encontrar homens, estando praticamente todos esses locais ligados a tarefas tradicionalmente femininas, como tomar conta de crianças ou tratar da roupa.

A necessidade de relacionamento

Esta é uma das tendências mais fortemente expressas nos artigos. Uma e outra vez, de uma ou outra forma, encontramos alusões ao facto de que uma relação é vital para a mulher, especialmente para o estatuto que ela ambiciona atingir. Ela é pressionada de forma inexorável para ser boa mulher ou companheira, e também boa mãe. Não há forma de escapar a isto: qualquer mulher que não tenha um companheiro é motivo de espanto e talvez até de um pouco de pena. No citado artigo «Onde estão os homens?», a revista *Máxima* dá exemplos de mulheres normais – mas bonitas e bem-sucedidas –, indagando da razão por que se mantêm solteiras e com «pouca esperança» de encontrar companheiro.

Mas as mulheres que estas revistas descrevem também são atacadas. Não só pelo ambiente social, que faz que as mulheres tenham de sobressair em todos os campos, mas também pelas leitoras grupo-alvo da revista. Aquelas mulheres são «outras», isto é, não integram o *ingroup* de leitoras da revista. São aquelas que não recebem a sabedoria transmitida naquelas páginas, as que estão num espaço indefinido, as que se tornam atrevidas devido à influência do Verão na disposição e no humor, ou ainda – há todo um artigo a elas dedicado – as mulheres mais velhas.

As mulheres mais velhas são um paradigma de estabilidade e equilíbrio absoluto, aparentando ter atingido uma posição na vida quase inalcançável – «não fazem dramas», «deixam claro que não têm motivações escondidas» (em relação aos homens, podemos acrescentar, tais intenções seriam a gravidez ou a procura de apoio financeiro), «mantêm-se em forma», «são desinibidas na cama». Pressupõe-se que as leitoras da *Cosmopolitan* não serão nenhuma destas coisas. E se estas são as características que tornam as mulheres mais velhas – um tipo diferente de mulheres, não um «nós», mas sim um «elas» – tão perigosas, é ainda assim verdade que as mulheres mais jovens são encorajadas a aprender com elas, a aproveitarem-se destes pontos vantajosos, imitando-as. Uma vez mais, as amantes são também perigosas, tal como o são os homens emocionalmente extrovertidos.

Todas estas mulheres estão em competição directa. E competição, bem como as noções e contextos que a acompanham, parece ser, para estas revistas, o mais importante nas relações. As metáforas são as de predação – as mulheres que (devida ou indevidamente) «caçam» homens. Para o fazerem, têm de ultrapassar a pressão social (alinhando com esta) que as conduz a terem de sobressair em tudo, procurando depois «equiparar-se» às outras concorrentes de que falámos.

Desta forma, as relações tornam-se parte do fardo que recai sobre as mulheres. Um fardo que é desejado, que é extremamente necessário. Tal como no que diz respeito às antigas – e ainda actuais – oportunidades igualitárias de emprego e de direitos políticos, as mulheres têm de «afiar as suas garras» para protegerem o seu

troféu – a relação monógama heterossexual – dos ataques efectuados por outras mulheres-predadoras, do mesmo modo que têm de colmatar as faltas de tempo e de investimento impostas pelas suas vidas profissionais. Tal como com qualquer outra mercadoria, as relações parecem ser conduzidas segundo um modelo economicista, em que se pesam sentimentos e sensações, tudo em torno de homens merecedores – a matéria-prima escassa que tem de ser protegida.

A necessidade de silêncio

Esta necessidade de silêncio manifesta-se sob dois aspectos. O primeiro é a existência de modelos alternativos de relacionamento: há, de facto, a necessidade de silenciar a existência de modelos não-heterossexuais e não-monogâmicos, apesar de eles serem constantemente mencionados através do filtro das relações hetero e mononormativas. O segundo tema que é remetido ao silêncio nestes artigos prende-se com a existência e a influência de diferentes orientações sexuais. Este tópico é da maior importância, se tivermos em conta os mais recentes desenvolvimentos no campo da sexualidade humana, em especial a sexualidade feminina. Lisa Diamond, no seu livro *Sexual Fluidity* (Diamond, 2009), identifica a orientação sexual feminina como sendo acima de tudo situacional, ao invés de estabelecida de forma unívoca pela biologia ou pela educação precoce. Chega ao ponto de falar de um quarto tipo de orientação não-binária, a «atração pela pessoa» (*person-based attraction*), de acordo com a qual um indivíduo se apaixona pela personalidade de outrem independentemente de género. Este posicionamento parte do pressuposto de que uma definição sólida e coerente de identidade de género apenas pode ser definida dentro de uma matriz de «heterossexualidade institucional» que estabelece «o limite de possibilidades de género dentro de um [...] sistema binário de género» (Butler, 1999: 30).

Não existem quaisquer pistas de experiências «fluidas» de género nas páginas das revistas analisadas. E se de facto a investigação de Lisa Diamond nos ajuda a reconfigurar uma parte importante da sexualidade feminina – que, como é óbvio, não tem forçosamente de passar por qualquer tipo de desejo ou de comportamento homoerótico –, então torna-se ainda mais desconcertante o silêncio em torno de tais ambiguidades potenciais.

O mesmo tipo de silêncio é projectado sobre os homens. Nunca um homem expressa ou tem desejo por qualquer outra pessoa que não uma *mulher*, não sendo desejado por ninguém que não uma mulher. O desejo sexual é sempre simples, unívoco. Já o desempenho sexual é mais problematizado, surgindo com frequência «dicas» relativamente a como agradecer ao homem, como cair nas suas boas graças e ser lembrada como uma «deusa sexual», conforme o artigo da *Cosmopolitan*, «Dê

mais chama à sua relação», coloca a questão. Porque é este o principal desejo de qualquer mulher, ao que parece.

As relações abertas também são mencionadas nas revistas analisadas. Num artigo da *Cosmopolitan* sobre a actriz Scarlett Johansson, esta afirma que a monogamia «não é um instinto natural do ser humano» – mas enfatiza logo de seguida que acredita na monogamia, no «verdadeiro amor» e na «alma gémea». Vemos aqui que a monogamia é bem mais do que a descrição de um comportamento sexual: é um *ethos* que implica fé, como se de uma religião se tratasse. Por conseguinte, requer uma adesão efectiva aos seus cânones.

Porém, se é a regra que cria a excepção, então é a monogamia que cria a infidelidade; por outras palavras, é pela defesa e reforço da monogamia que se pretende evitar a infidelidade. As revistas estabelecem uma clara correlação entre a seriedade de uma relação e a ausência ou presença de exclusividade sexual – uma espécie de *conditio sine qua non*, que pretende determinar se uma relação é efectivamente uma relação ou não.

A traição é, de facto, uma grande preocupação, expressa em vários artigos, e que parece apresentar-se como a única alternativa à monogamia realmente possível. «Realmente possível» porque é tornada real pela instituição da relação monogâmica, por dela depender, e por se tornar compreendida e compreensível através da sua grelha de análise.

Vemos, então, que as mulheres são representadas constantemente em relação com um Outro, e raramente em termos absolutos. Uma mulher sozinha é uma mulher infeliz, sem sorte, uma mulher com quem se passa algo de errado, especialmente quando tem todos os traços físicos, económicos e psicológicos que fariam que fosse natural já ter um parceiro. Associado a esta necessidade está ainda o enfoque dado à mulher-mãe (cerca de 10% do textos estão codificados sob Maternidade), um papel que dependeria da família heterossexual monógama como garante de estabilidade.

Estas três distinções não se encontram muito longe daquelas a que chegou Rosalind Gill (2009): «transformação do *self*», «empreendedorismo íntimo» e «homem-logia». Cada uma destas distinções caracteriza, pela positiva, o trabalho cognitivo e de subjectivação que as mulheres têm de levar a cabo se quiserem ser consideradas realmente mulheres. É precisamente por causa da preponderância que tais actos apresentam perante as leitoras que resolvemos, neste artigo, falar de *necessidades*.

E ainda um outro silêncio...

Há ainda um outro silêncio, ao qual já aludimos. Não existem quaisquer artigos recolhidos através desta metodologia que venham das revistas masculinas. Quer isso dizer que as revistas masculinas não abordam o tema dos relacionamentos? Certamente que não. O que quer dizer é que esse tema nunca chega à capa. Não constituem um tópico que possa gerar vendas. Dicas sobre sexo e sobre como aumentar o prazer (próprio ou alheio) estão muitas vezes lá figurados. E embora seja verdade que a relação sexual por si só também constitui uma relação, este artigo pretendeu focar-se nas relações mais temporalmente continuadas.

Esta ausência remete claramente para o estereótipo de que o homem está dissociado de questões relacionais/emocionais. Simultaneamente, indica que estes conteúdos devem estar escondidos da face pública da revista (a capa), de modo a que quem compre esta última não se depare com a representação de tais temas de modo frontal.

O estado das relações

Seria injusto presumir que há uma agenda que pretende subsumir as mulheres no funcionamento da família patriarcal heterossexual tradicional. De facto, existem até várias referências a como as relações estão a mudar, vindas especialmente dos especialistas entrevistados.

Ainda assim, ao que parece, uma das maiores vitórias da mulher é «ser capaz de exigir, na escolha do *Mister Right*» (*Máxima*, Mar. 2009) – mas não há outro caminho que não o da escolha do *Mister Right*. Na visão destas revistas, as mulheres não esperam que os contos de fadas venham bater às suas portas: perseguem-nos. Elas são agora predadoras, naquilo que continua a ser o mesmo paradigma de predação ainda por questionar.

Logo de seguida, nesse mesmo artigo, apresenta-se um modelo de moderação e sucesso. Uma mãe de três filhos, empresária e trabalhadora, na sua segunda relação de longa duração, capaz de fazer malabarismos com o seu tempo, e ainda lhe restando momentos de lazer. Claramente, o estatuto socioeconómico que tem permite-lhe fazer tudo isto com muito à-vontade – mas pressupõe-se que a definição de moderação inclui como pré-requisito a pertença à classe média-alta? Seja isso relevante ou não, essa mulher afirma claramente que parte da sua felicidade advém do facto de ser «o homem da relação», ou seja, a parte racional da relação. A moderação, o meio-termo, parece assim associar-se a uma aproximação mais ou

menos bem sucedida aos modelos masculinizados, em que sentimentos e emoções são assimilados pela racionalidade.

Conclusão

Apesar de este artigo ter como objectivo a apresentação de resultados empíricos, não poderíamos deixar de lado a necessidade de enquadrar brevemente estas mudanças sociais. Para tal, recorramos a Anthony Giddens e a Ulrich Beck, bem como a Beck-Gernsheim.

Assim, de Giddens podemos retirar a conclusão de que os modelos relacionais inscritos nestas revistas ainda portam a marca das relações co-dependentes típicas da Idade Média (Giddens, 1993). Nestas, temos duas metades que formam um todo: a alma-gémea, ou o *Mister Right* de que se falava acima. Isto pressupõe que a mulher é incompleta, apenas metade de si mesma, até poder receber significado e identidade totais pela união romântica e sexual com um homem, união essa que, potencialmente, conduzirá a uma prole.

A partir de Beck e Beck-Gernsheim, é possível constatar como as diferentes pressões sociais transcendem a necessidade de ser bem-sucedida como mulher de carreira, ou enquanto mãe e dona-de-casa. A questão vai ao cerne da produção de identidades – somos todos, homens e mulheres, convocados a sermos nós mesmos. De muitas formas, as revistas masculinas e femininas desempenham um papel importante neste fenómeno, ao ajudarem a construir e a definir uma autenticidade de género, isto é, o que é o masculino e o que é o feminino. Neste contexto, como apontam Beck e Beck-Gernsheim (2003), quanto maior a dificuldade de se construir uma relação duradoura dentro dos parâmetros da relação heterossexual monógama – devido ao facto de a exigência da parte das mulheres ter efectivamente crescido, não sendo acompanhada por uma resposta à altura da parte dos homens –, mais essa relação parece ser idealizada como um estado essencial para se atingir a completude pessoal. Tal acontece porque a autenticidade do feminino toma forma por oposição ao masculino, e vice-versa, necessitando do seu pólo oposto para se afirmar enquanto identidade coesa e estável.

A confissão é algo que se compreende dentro da visão que Foucault (1994) tem sobre a sexualidade. Enquanto discurso, vector de poder, o sexo é utilizado como elemento de construção e de controlo do sujeito – ao confessar-se, o sujeito do discurso pode ajudar a estabelecer a sua própria normalidade e a submeter-se a si mesmo a uma grelha de análise e compreensão. De resto, algumas das características presentes neste texto vêm consolidar as considerações que Angela McRobbie

(2008) faz sobre um novo contrato sexual, em que a mulher adquire novos papéis (públicos e privados), mas dá em troca o reconhecimento de uma suposta não-necessidade de questionar o poder patriarcal.

Segundo Myra MacDonald, «o espaço privado é ao mesmo tempo valorizado como santuário de paz e desvalorizado como espaço não-público, que nos preocupa apenas quando as suas aberrações penetram a arena pública» (1995: 48). As revistas femininas funcionam como arena pública que filtra preocupações privadas, assemelhando-se a um repertório de práticas reguladoras da identidade, no contexto de crescente desenraizamento (Bauman, 2001) que caracteriza a sociedade de risco.

Conclui-se que as revistas constroem uma leitora que parece ignorar como manter relações saudáveis, necessitando de conselhos nesse sentido. Estas leitoras são tratadas como – e portanto, presume-se que sejam – ignorantes e em grande dependência de aconselhamento para cada uma das facetas das suas relações; aconselhamento este que lhes proporciona um padrão com o qual comparar as suas próprias vivências. Esta mulher-protótipo, que é retratada pela sua negação (ou seja, a mulher que lê é o inverso da mulher que idealmente aparece construída nos artigos, e que, portanto, precisa de os ler), tem necessidades, desejos e reivindicações, continuando a render-se às orientações fornecidas pelas revistas, na expectativa de realizar as suas ambições. A leitora-protótipo precisa particularmente de ajuda no que toca à compreensão e adaptação ao homem-protótipo, que é incapaz de mudar, o alvo único e inescapável do seu desejo e do seu cuidado.

NOTAS

- ¹ Este artigo enquadra-se no âmbito do projecto de investigação «A Representação Discursiva da Mulher em Revistas Femininas e Masculinas Portuguesas» (PTDC/CCI/71865/2006), coordenado por Cláudia Álvares e contando com a participação de Daniel Cardoso, Ana Jorge, Helena Elias, Carla Baptista e Carla Vicente.
- ² Para mais fácil compreensão, as percentagens, na maior parte deste trabalho, encontram-se arredondadas às unidades.

BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Z. (2001), *Community: Seeking safety in an insecure world*, Cambridge: Polity.
- BECK, U. BECK-GERNSHEIM, E. (2003), *La individualización: El individualismo institucionalizado y sus consecuencias sociales y políticas*, trad. B. Moreno, Barcelona: Paidós.
- BUTLER, Judith ([1990] 1999), «Subjects of Sex/Gender/Desire», in *Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity*, Londres: Routledge, pp. 3-44.
- DESPENTES, V. (2009), *King Kong Theory*, trad. Polly McLean, Londres: Serpent's Tail.
- DIAMOND, L. M. (2009), *Sexual Fluidity: Understanding women's love and desire*, Massachusetts: Harvard University Press.
- FOUCAULT, M. (1994), *História da Sexualidade I – A vontade de saber*, trad. Pedro Tamen, Lisboa: Relógio D'Água.
- GIDDENS, A. (1993), *The Transformation of Intimacy: Sexuality, love, and eroticism in modern societies*, 1.ª ed., Califórnia: Stanford University Press.
- GILL, R. (2009), «Mediated Intimacy and Postfeminism: A discourse analytic examination of sex and relationships advice in a women's magazine», *Discourse & Communication*, 3(4), 345-369.
- GILLIGAN, C. ([1982] 1997), «In a Different Voice», in Sandra Kemp *et al.* (org.) *Feminisms*, Oxford: Oxford University Press, pp. 146-152.
- MACDONALD, M. (1995), *Representing Women: Myths of femininity in the popular media*, Londres: Edward Arnold.
- MCROBBIE, A. (2004), «Post-Feminism and Popular Culture», *Feminist Media Studies* 4(3), 255-264.
- MCROBBIE, A. (2008), *The Aftermath of Feminism: Gender, culture and social change*, Londres: Sage.
- VAN DIJK, T. (2001), «Critical Discourse Analysis», in Deborah Schiffrin *et al.* (org.) *The Handbook of Discourse Analysis*, Oxford: Blackwell, pp. 352-371.

Revistas Femininas:

Activa – Março, 2008; Setembro, 2008.

Cosmopolitan – Março, 2008; Junho, 2008; Setembro, 2008; Dezembro, 2008; Março, 2009.

Máxima – Junho, 2008; Setembro, 2008; Março, 2009.